



# BRASÍLIA 50 ANOS

## CIDADE CONQUISTA, ENFIM, A SUA AUTONOMIA POLÍTICA

Redemocratizado, o país comemora a volta do Estado de direito e a promulgação da Constituição Cidadã.  
No texto da Carta, a capital dos brasileiros ganha o direito de eleger seus representantes

## Roriz eleito o primeiro governador

Em 1990, os brasilienses os brasilienses passaram a exercer o direito de eleger seu primeiro governador. O primeiro mandatário escolhido para o DF foi Joaquim Domingos Roriz, eleito em primeiro turno. A chegada de Roriz ao governo do Distrito Federal foi um divisor de águas. Ele havia sido indicado, em 1988, pelo então presidente da República, José Sarney, em 1988, para o cargo chamado de governador biónico, deixando o Ministério da Agricultura.

Naquela época, Roriz ganhou mais prestígio político, já que trazia em sua bagagem uma ampla experiência por ter exercido os cargos de vereador em Luziânia (GO), deputado estadual (1978), deputado federal (1982) e vice-governador de Goiás (1986), e de prefeito de Goiânia em 1987, na condição de interventor.

Como Roriz havia exercido o cargo de governador, de 1998 a 1990, a oposição contestou e ele teve de deixar o cargo para disputar a eleição. Apesar dos protestos da oposição, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) validou sua candidatura ao considerar que, no período em que Joaquim Roriz governou o DF, fora exercido mediante nomeação e não por eleição.

Na primeira eleição para governador, Roriz teve como vice-governadora Márcia Kubitschek (filha de Juscelino Kubitschek). Em 1º de janeiro de 1991 Roriz e Márcia Kubitschek tomaram posse.

# DF GANHA AUTONOMIA COM O FIM DA DITADURA

Constituição promulgada em 1988, após mais de duas décadas de regime militar, consagra direito dos brasilienses de eleger seus representantes e de instalar na cidade uma Câmara Legislativa

Daise Lisboa

dllisboa@jornalcoletivo.com.br

Este dia 21 de abril de 2010, quando Brasília completa 50 anos, é um momento para comemorar o aniversário da capital brasileira e para agradecer àqueles que continuaram na região e defenderam Brasília, que tinha papel de figurante em um cenário em que lhe cabia um dos papéis principais. Justiça foi feita. Ela ficava à margem da política, justo ela, onde foi fincado o centro do poder.

Se nos primeiros anos o objetivo era ocupar o cerrado, dar vida à capital e expandir o Distrito Federal, muitos nomes se levantaram na defesa da autonomia política do Distrito Federal. Alguns deles ainda estão aqui para contar a história e outros que já se foram gravaram suas marcas nas páginas da história da capital que tinha à frente o presidente Juscelino Kubitschek.



O Congresso Nacional comemorou, em 1988, a promulgação da Constituição Federal. Ali se iniciava a volta da democracia no Brasil

A década de 1980 teve um diferencial em relação às outras, porque foi durante este período que, enfim, foi conquistada a tão sonhada autonomia política da nova capital e em que houve a promulgação da Constituição Federal. Esta foi a marca de um período em que se clamava, no Brasil, pela volta da democracia, mas sob a vigilância dos militares.

O auge do movimento de redemocratização ocorreu em 1984, com a campanha das Diretas-Já. Apesar de não se conseguir que passasse pelo Congresso uma emenda restabelecendo as eleições diretas à Presidência da Re-

pública, o movimento contou com grande apoio popular e serviu para pressionar o governo, que deu início a uma abertura lenta e gradual. Outro fato que marcou a história política da capital ocorreu em 1985. O candidato da oposição, Tancredo Neves, foi escolhido para o cargo de presidente da República pelo Colégio Eleitoral. Porém, um dia antes de tomar posse, foi internado no Hospital de Base, em Brasília. O vice, José Sarney, ocupou seu lugar. Tancredo Neves morreu no dia 21 de abril, sem conseguir tomar posse. Sarney governou até 1990, quando passou o posto ao primeiro presidente

escolhido diretamente pelo povo, Fernando Collor de Mello. Havia se passado 29 anos desde a última eleição popular.

A autonomia política do DF exigia um governador eleito pelo voto direto da população e a instituição da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Passaram-se 26 anos para que, após intensos embates políticos, portanto em 1986, a população do DF pudesse conquistar o direito à cidadania, que era de exercer, pela primeira vez, o direito de eleger os primeiros oito deputados federais e três senadores que vieram para representar a cidade no Congresso Nacional.

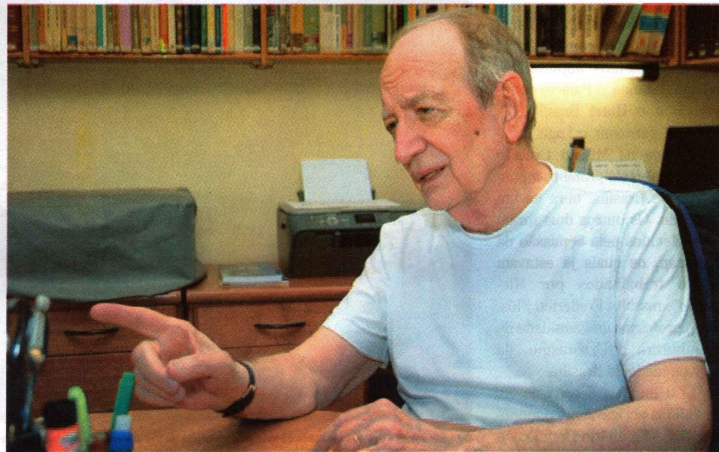
# ACORDO VIABILIZOU A VOLTA AO ESTADO DE DIREITO

Um documento intitulado de Aliança Democrática foi o responsável, em 1984, pela mudança radical que o Brasil necessitava e para o DF, que começou a ter as mesmas prerrogativas das outras unidades da Federação

O cientista político Octaciano Nogueira, professor de Ciência Política aposentado da Universidade de Brasília desde 2002, lembra a época em que Brasília era dirigida administrativamente por um prefeito, nomeado pelo presidente da República. Essa prática ocorreu até 1985, quando começaram a ocorrer mudanças no sistema político do DF.

Octaciano tirou do fundo do baú o documento Aliança Democrática, Compromisso com a Nação, assinado entre a Arena (sigla que mudou de nome para PFL e hoje se chamava Democrata) e o MDB (hoje PMDB). “Uma parte da Arena saiu do grupo e os dissidentes passaram a integrar um grupo chamado ‘frente liberal’, que fez um acordo com o MDB – o qual era o maior partido, o partido da excelência”, lembra. O cientista destacou ainda que esse compromisso foi sacramentado no dia 7 de agosto de 1984 e era assinado por Ulysses Guimarães (presidente do MDB) e Tancredo Neves, governador de Minas Gerais. “Do outro lado estava o Aureliano Chaves, vice-presidente da República, e o Marco Maciel, senador pelo estado de Pernambuco e que depois foi presidente do PFL”, sublinhou o cientista político.

De acordo com Octaciano, foi este documento que viabilizou a eleição de Tancredo Neves à Presidência. Por quê? “O PMDB não tinha maioria no colégio eleitoral e a Arena também não



Octaciano Nogueira, cientista político, explica como foi a trajetória do Distrito Federal desde antes de conquistar sua autonomia

tinha maioria. “Esse foi um acordo entre adversários para viabilizar a transição democrática. Foi um passo para viabilizar a transição do regime militar para o democrático”, analisa.

O conteúdo do documento dizia que, entre outros compromissos, a chamada aliança democrática foi um ajuste formalizado pelo Movimento Democrático Brasileiro com a Frente Liberal, que partia de vários princípios. “Era um compromisso com a nação e lá pelo meio vinha a descrição do restabelecimento imediato das eleições diretas, livres e com sufrágio universal para presidente da República, prefeitos das capitais dos estados e dos municípios consi-

derados de instâncias hidrominerais, quando declarados de interesse nacional”.

Octaciano recorda que durante o regime militar os governadores eram eleitos de forma indireta e os municípios das capitais e os considerados estâncias hidrominerais eram designados pelo governador. “Brasília, até então, não havia tido representação política até a primeira eleição”, reforçou.

Mas o que era essa representação política – a eleição por Brasília de três senadores e de oito deputados federais? Isso só aconteceu a partir de 1986, quando eles foram eleitos já para a Constituinte, outro compromisso – convocação de Consti-

tuinte livre e soberana em 1986 para a elaboração de uma nova Constituição. “Essa Constituição foi que estabeleceu a Câmara Legislativa do DF”, destacou.

Uma pergunta que é feita por quem não acompanhou a trajetória política da capital é como Brasília vivia antes, já tendo representação política, mas sem ter poderes locais. Quem legislava? Octaciano responde: era o Senado Federal, por meio da Comissão do DF. Tudopassava por ela. O prefeito enviava um expediente ao presidente da República e o Executivo mandava ao Congresso, e era encaminhada à Comissão do DF, que dava um parecer. E o Senado, que era o Legislativo do DF, decidia.

## Constituinte deu corpo à CLDF

A Câmara Legislativa começou a ganhar corpo com a Constituinte de 1986. “Ela fez muita coisa boa, mas também fez muita coisa ruim. Aí se deu a autonomia do Distrito Federal. Deu em quê? Deu nisso que está aí”, criticou o cientista.

Na opinião de Octaciano Nogueira, o que era para ser um passo adiante terminou sendo um passo atrás. “Em vez de ser um progresso, foi um regresso. Porque ficou pior do que quando havia um prefeito, pior do que quando o Senado legislava o Distrito Federal. Isso é uma coisa inédita, sem paralelo no Brasil. É de se esperar que os eleitores de Brasília tenham aprendido a lição. Eles também não têm culpa, quem tem culpa são os partidos que escolhem seus candidatos”, critica. “Política não é algo hipotético. É prática da política. As pessoas pregam a autonomia. A prática é bem diferente da teoria”, ensina.

Morando há 48 anos em Brasília, Octaciano Nogueira observa que o comportamento do brasiliense não mudou nesse período, embora não ignore os movimentos feitos em Brasília tanto em nome das Diretas Já e dos caras-pintados em favor do impeachment do ex-presidente Fernando Collor.

Mas o que falta para que o Distrito Federal consiga sua autonomia plena, considerando-se, também, o aspecto financeiro? “O que seria o ideal para a economia do DF seria mais densidade econômica. Mas aqui falta mais densidade econômica porque os tributos daqui são muito caros. E o Distrito Federal nunca vai conseguir essa autonomia enquanto tiver esse tipo de corrupção generalizada”, acredita.

## Diversão e arte

A construção de espaços de lazer e arte em Brasília garante até hoje a diversão dos brasilienses e turistas. Foi na década de 60 que começou a acontecer o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (1965). Com o objetivo de promover o esporte e ser palco de vários shows artísticos, o Ginásio Nilson Nelson, antigo Ginásio de Esportes Presidente Médici, foi inaugurado em 1973. Um ano depois, o estádio Mané Garrincha foi construído.

O Teatro Nacional foi finalizado em 1981. Passou a se chamar Teatro Nacional Cláudio Santoro devido à aprovação da Lei nº 378 de 1989, em homenagem ao maestro, compositor e grande incentivador da educação e da cultura em Brasília. O monumento faz parte do sonho do ex-presidente JK e do genial urbanista Lúcio Costa, que desejavam um espaço dedicado às artes na capital do país. A estrutura do monumento ficou pronta ainda em 1961, mas as obras foram interrompidas várias vezes por problemas de finalização, como acústica. Burlle Marx foi o responsável pelo projeto dos jardins que compõem a obra. A acústica foi executada pelo especialista russo Igor Sresnewski.

Apesar de ter havido uma transformação no ideal da cidade, os monumentos de Brasília continuam atraindo turistas do Brasil e do mundo. "Um problema gravíssimo foi transformar o Plano Piloto inteiro em um monumento. O local deveria ser apenas um padrão para as outras cidades. Hoje, Brasília é uma curiosidade para os estrangeiros, que se interessam pela cidade por fazer parte da arquitetura e urbanismo mundial, por sediar o maior acervo de obras de Niemeyer e pelo processo de deterioração do projeto inicial com o modernismo", afirma Flósculo.

# UMA CIDADE MONUMENTAL

A década de 80 foi marcada pela construção dos monumentos que homenageiam grandes heróis da capital federal e do Brasil. São espaços criados para lembrar a importância de quem construiu a nossa história

SHEILA OLIVEIRA

spereira@jornaldacomunidade.com.br

No seu plano inicial, Brasília já tinha prevista a construção de três monumentos importantes: o Lago Paranoá, o Palácio da Alvorada e o Hotel Brasília. "A ideia de construir o Lago Paranoá nasce na Missão Cruls e considero este o primeiro monumento de Brasília, obra de um geógrafo. Os outros dois foram estabelecidos pela comissão da Novacap, os quais já estavam sendo trabalhados por Niemeyer", ressalta Frederico Flósculo, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Brasília.

Até o final da década de 70, Brasília já abrigava cinco monumentos: o Santuário Dom Bosco (1963), Mirante da Torre de TV (1965), Relógio da Praça Central de Taguatinga, Catedral Metropolitana (1970) e Pavilhão Nacional (1972). O Relógio de Taguatinga, assim como a Catedral, obra de Oscar Niemeyer, foram reconhecidos como Patrimônio Cultural e Artístico do DF também em 1970.

Além disso, a cidade ganhou espaços públicos como o Parque Nacional de Brasília (1960), a Universidade de Brasília (1962), a sede do Banco Central (1964), o Palácio do Buriti (1969), o Palácio do Itamaraty (1970) e o Hospital das Forças Armadas (1972). A sede do Itamaraty possui painéis decorativos de artistas como Athos Bulcão, Rubem Valentim, Sérgio Camargo, Maria Martins e afresco de Alfredo Volpi. O projeto de



O Memorial JK é um dos símbolos da monumentalidade de Brasília e se torna ainda mais belo tendo o céu da cidade como moldura

Oscar Niemeyer tem paisagismo interno e externo de Burlle Marx. A fundação do Parque da Cidade aconteceu em 1978.

Para o arquiteto Frederico Flósculo a composição arquitetônica de Brasília se destaca pela originalidade.

"A associação entre o projeto urbanístico de Lúcio Costa e a arquitetura de Oscar Niemeyer foi um casamento fantástico. Brasília é muito bem composta, não repete os conceitos da Europa, é absolutamente nova e com muito verde. Foi a primeira cidade proposta em harmonia com o meio ambiente, fazendo com que tudo que foi implantado seja realmente encantador. Uma capital nacional deve ser monumental e as ideias continuam atuais", diz.

## Idealistas, heróis e filhos de nossa terra

Brasília se tornou ainda mais monumental nos anos 80, reunindo construções como o Memorial JK (1981), Casa do Cantador (1986), o Memorial dos Povos Indígenas (1987), o Teatro Nacional Cláudio Santoro (1981), o Panteão da Pátria e o Museu de Arte de Brasília (1985).

"O monumento nada mais é que o reconhecimento àqueles que contribuíram para o crescimento do país", esclarece Clarissa Wagner Reyes, diretora do Panteão da Pátria. Criado para homenagear os heróis nacionais, o Panteão consagra também a memória de Tiradentes,

Patrono Cívico da Nação Brasileira, além de outros dez heróis.

Em 1987 Oscar Niemeyer projetou o Memorial dos Povos Indígenas para reverenciar a diversidade e a riqueza da cultura indígena brasileira. O Museu de Arte de Brasília, criado em 1985 pelo GDF, reúne centenas de obras das artes visuais brasilienses. O MAB está situado às margens do Lago Paranoá, entre a Concha Acústica e o Palácio da Alvorada.

A Casa do Cantador, em Ceilândia, é um pedacinho do Nordeste na capital. Única obra de Niemeyer fora de Brasília, o monumento abriga a rica cultura nordestina. A Casa do Cantador homenageia os nordestinos que ajudaram na construção da capital e que representam quase um terço da população brasiliense.

# A OITAVA MARAVILHA

Ideia fixa de Juscelino Kubitschek, Brasília ganhou traçados e curvas concebidas pelas mentes brilhantes de Lúcio Costa e Niemeyer e foi reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade

Suzano Almeida

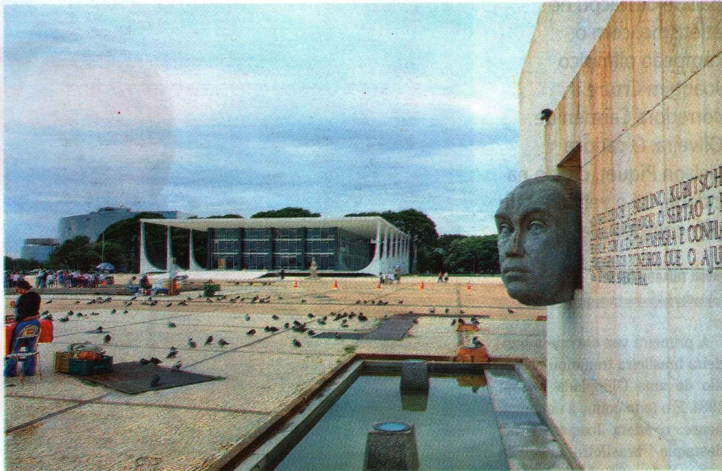
salmeida@jornaldacomunidade.com.br

A partir de 1960 o mundo começou a descobrir o surgimento de sua oitava maravilha: naquele ano nascia Brasília, cidade cheia de curvas e de avenidas inteligentes. O concreto desafiava sua própria rigidez e brigava com a dureza das mentes que não acreditavam na possibilidade de se criar uma das maiores obras de arte do mundo em apenas um mandato presidencial.

Obsessão do ex-presidente Juscelino Kubitschek transformada em realidade pelas mentes brilhantes de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Brasília tornou-se símbolo da força vigorosa do desejo de JK de acomodar os poderes da República no coração do país e dos ideais de dois gênios da arquitetura e do urbanismo. A ousadia e a punção foram reconhecidas pela Unesco na década de 1980.

As largas avenidas, os prédios e monumentos, toda essa monumentalidade, enfim, traria um clamor para que esta maravilha fosse cuidada e preservada da forma como foi idealizada a fim de encantar as futuras gerações.

No dia 7 de dezembro de 1987 a Unesco se rendeu a tanta beleza



A Praça dos Três Poderes, centro das decisões políticas, tem monumentos que consagram a democracia representativa brasileira

za e transformou o Plano Piloto de Brasília em Patrimônio Cultural da Humanidade, garantindo aos futuros brasileiros a continuidade do sonho de uma geração inteira. São monumentos de tamanho simbolismo que suas formas constantemente são eternizadas nas representações que se estendem desde a crítica aos governantes até a orgulhosa bandeira erguida pelos construtores e nascidos na cidade que acolhe todas as culturas do Brasil.

As obras não homenageiam apenas o poder ou com ele mantêm alguma relação: elas recordam o povo e sua cultura, suas origens, manifestações e disposições tradicionais, como a escultura que representa os candangos. Nela, os descendentes nordestinos e de outros lugares do país que ergueram o projeto de JK são lembrados.

Na Praça dos Três Poderes as

representações da democracia, uma ao lado da outra, dão a dimensão da equivalência dos poderes no Brasil, com o Supremo Tribunal Federal (sede da instância máxima da Justiça), o Congresso e o Palácio do Planalto.

Durante 25 anos o acesso dos cidadãos a esses poderes foi obstruído por um grupo de militares, mas o povo acabou reconquistando o direito de eleger seus representantes e derrubou os ditadores com a ocupação dos gramados da Esplanada dos Ministérios e manifestações que se espalharam como rastilho de pólvora pelo país afora.

O Plano Piloto é Patrimônio Cultural da Humanidade não só pelas belas curvas e pela rigidez de seus prédios, mas, também, pela luta poética que travou durante sua construção e pela afirmação democrática durante o regime militar, derruba-

do pela persistência do seu povo e pela tenacidade de homens como Tancredo Neves – presidente eleito em 1985 que faleceu antes de assumir – e Ulysses Guimarães, que lutaram pela redemocratização do Brasil, enfrentando o medo e o terror dos que haviam tomado o poder pela força das armas.

Tal poesia, impregnada no concreto bruto da cidade, foi definida assim pelo seu maior poeta, Oscar Niemeyer: “Arquitetura não constitui uma simples questão de engenharia, mas uma manifestação do espírito, da imaginação e da poesia”.

O espírito deste patrimônio inspira outros que sonham com a objetividade ditada pela luta do povo. Evidencia-se no colo materno de um povo que vê sua capital “moça-menina” crescer e chegar agora com rapidez e moralidade a seus 50 anos.

## Unesco orgulha-se do desafio

Hoje, quase 23 anos depois de o Plano Piloto ter se tornado Patrimônio Cultural da Humanidade, a Unesco se orgulha do título conferido à cidade. A coordenadora de cultura da instituição no Brasil, Jurema Machado, destaca dois pontos fundamentais para dar esse status à capital da esperança: o valor histórico e o arquitetônico. A região onde Brasília foi construída era deserta e fazia parte de uma expansão de ocupação do Oeste do País. A forma como tudo foi idealizado e colocado em prática transformou Brasília num marco.

O ponto de vista arquitetônico constituiu um conjunto de princípios modernistas, marcantes na história da arquitetura e do urbanismo mundial. A materialização do conceito de vizinhança, colocado desde no projeto de Niemeyer e Lúcio Costa, previa uma rotina cotidiana de seus futuros moradores.

“Brasília não é e nunca foi apenas dos candangos, brasilienses e brasileiros: seu valor vai além das fronteiras do país”, afirma Jurema.

A cidade ainda conta com desafios quanto a seu crescimento, já que o Entorno precisa do desenvolvimento que retira do Plano Piloto. Desafio esse que desde o momento de sua consagração foi assumido pela entidade e fez com que ela refletisse sobre seu papel nessa decisão.

Jurema descreveu da seguinte forma a escolha da cidade como Patrimônio Cultural da Humanidade: “Brasília representou um grande desafio e fez com que a organização refletisse seu papel. Ela implicou também nas inscrições de outros patrimônios. Houve um temor, mas depois tudo valeu a pena”, declarou, orgulhoso.

## Com bons patrocínios, Carmem venceu a São Silvestre

Como em qualquer área, o esporte passa por altos e baixos. Na década de 80, o maior obstáculo para a realização das competições era a falta de patrocínio. Para a maioria dos atletas não havia a motivação de viver do esporte, mas ninguém abria mão das conquistas que ele traria.

Quem teve sorte nesse aspecto foi Carmem de Oliveira. Na época, a atleta olímpica obteve resultados bem expressivos: foi a primeira mulher a ganhar a Corrida de São Silvestre. Hoje ela é presidente da Federação de Atletismo do Distrito Federal e se considera uma privilegiada quanto aos patrocínios que obteve. "Acredito que o patrocínio me manteve no esporte. Foi possível pensar a longo prazo e hoje ter vários momentos marcantes lembrados por muitos, graças aos oito anos sendo patrocinada por empresas bancárias, por exemplo", destaca a ex-atleta.

Ela comemora ainda o fato de, após 13 anos de encerramento de sua carreira no atletismo, ninguém ainda ter ultrapassado suas marcas. Através de sua experiência, ela resolveu oferecer um diferencial para a instituição que preside. "Não se está preparado para ser dirigente de algum órgão de uma hora para outra, mas a necessidade do grupo faz com que se pense a respeito", finaliza.

Em 1981 começaram as vitórias no automobilismo. Nelson Piquet, carioca criado em Brasília, foi responsável por conquistas quase consecutivas: foi campeão de Fórmula 1 em 1981, 1983 e 1987.

# BRASÍLIA SUBIU AO PÓDIO

Nos anos 80, a capital do país se destacou no atletismo, com o campeão olímpico Joaquim Cruz e a corredora Carmen de Oliveira. O carioca Nelson Piquet, criado na cidade, foi o vencedor de três competições de F1

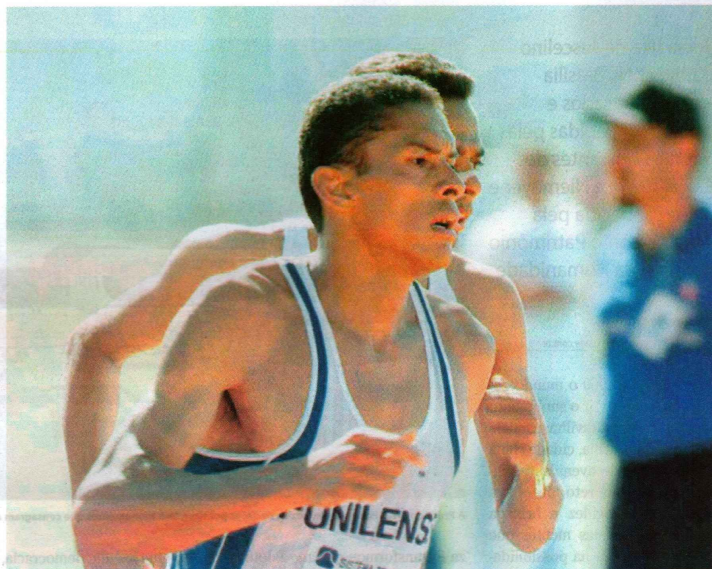
HENRI THIAGO PERES

hperes@jornaldacomunidade.com.br

A primeira vez em que a bandeira brasileira tremulou no pódio de uma Olimpíada foi em 1984. E o feito coube a um brasileiro: o atleta Joaquim Cruz, destaque brasileiro naquela competição, sediada em Los Angeles (EUA). Também tiveram reconhecimento, na década de 80, outros brasileiros, caso de Edgar Martins e Eronildes Araújo, este último finalista olímpico por duas vezes.

Houve um tempo em que o esporte brasileiro produziu mais atletas de grande rendimento. Entre 1975 e 1990 havia mais motivação, participação e um envolvimento maior das escolas, que promoviam mais atividades ligadas ao atletismo. Mais precisamente nas décadas de 70 e 80 havia um grupo de atletas-destaque no atletismo. Caso do próprio Joaquim Cruz, de Joílto e Jailto Bonfim, campeões brasileiros de Olimpíada e, ainda, a também brasileira Carmen de Oliveira.

"Ao longo desses 50 anos, Brasília tem uma marca no esporte, principalmente no atletismo. Os atletas continuam com a mesma dedicação, visando ao ideal de



Joaquim Cruz, destaque brasileiro na Olimpíada de Los Angeles, em 1984, é um motivo de orgulho para Brasília na área esportiva

manter vivo o esporte diante de qualquer adversidade", enfatiza Ricardo Vidal de Oliveira, diretor-executivo do Instituto Joaquim Cruz (IJC).

O instituto tem o objetivo de criar oportunidades para o exercício da cidadania e o desenvolvimento do ser humano por meio do esporte, da educação e da cultura. Existe desde 2004 e se divide em seis núcleos. Foi inserido ao instituto um projeto intitulado Clube dos Descalços Caixa, que recebe crianças e adolescentes interessados entre 12 e 17 anos, totalizando hoje 120 pessoas.

Toda a programação, realizada em cada núcleo do projeto criado a partir do instituto, é gratuita. Ricardo Vidal de Olivei-

ra enfatiza que os encontros, ocorridos no horário contrário das aulas, auxiliarão os alunos através da prática do atletismo a fim de agregar valores fundamentais para a vida.

Joaquim Cruz foi o responsável por tudo que está acontecendo atualmente no instituto, mas não vive em Brasília desde 1981. Naquele ano o atleta resolveu partir para San Diego, na Califórnia (EUA), em busca de oportunidades e condições mais favoráveis ao bom desempenho no esporte.

Apesar de não presenciar a atuação do instituto, Joaquim Cruz acompanha a evolução em visitas anuais, muitas delas para participar de competições brasileiras. Nascido e criado em Ta-

guatinga, o atleta tem objetos únicos e marcantes expostos na sede no instituto, desde roupas e calçado com os quais conquistou as olimpíadas a fotos das competições de que participou e até entrevistas.

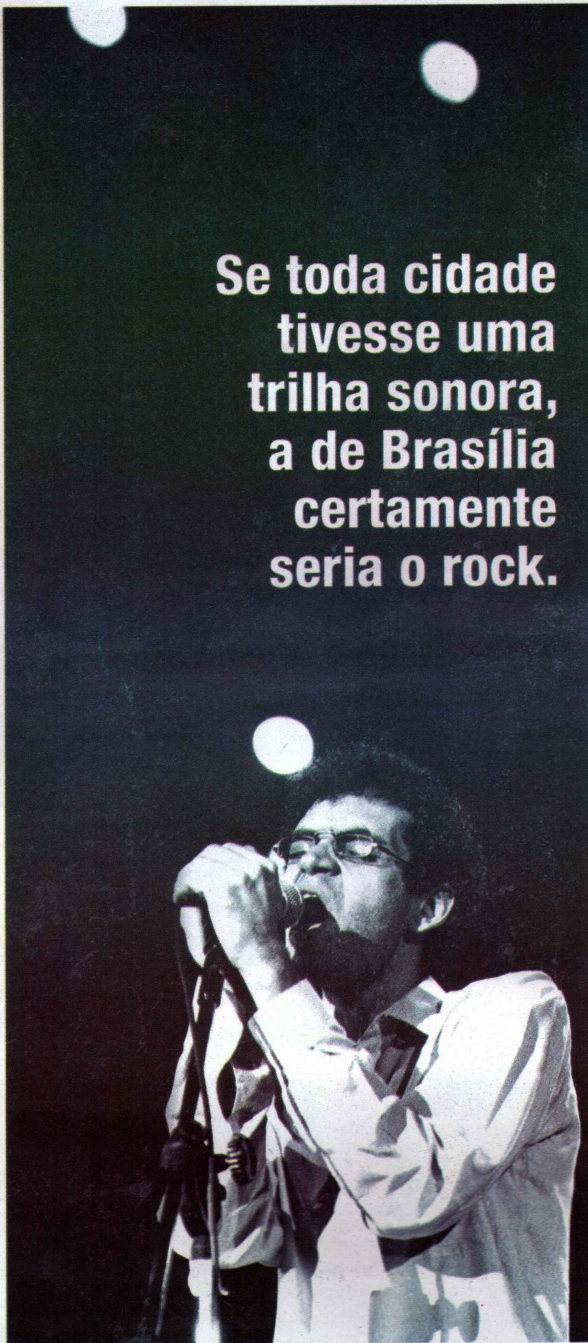
Mesmo após ter a carreira de atleta encerrada, ele está sempre engajado em ações relacionadas ao esporte. Foi em 2007, dez anos após parar suas atividades esportivas, que Joaquim mais surpreendeu em uma de suas visitas ao Brasil. Ele foi o responsável por acender a pira olímpica no Pan Americano do Rio de Janeiro. Outro destaque do atleta foi sua presença em um pronunciamento do presidente Lula acerca da Lei de Incentivo ao Esporte.

Para quem não sabe  
o motivo de tantos  
espelhos d'água  
em Brasília,  
aí está ele.

Em 50 anos a capital evoluiu muito. Prédios e monumentos se ergueram e levantaram o orgulho do brasiliense pela capital. Mas a obra mais bela já estava aqui antes da sua construção: o céu de Brasília. Uma homenagem do Grupo Comunidade de Comunicação aos **50 anos da capital do país.**



**Se toda cidade  
tivesse uma  
trilha sonora,  
a de Brasília  
certamente  
seria o rock.**



Legião Urbana, Renato Russo, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso, Raimundos, Cássia Eller, Zélia Duncan, Plebe Rude, Galinha Preta, Móveis Coloniais de Acaju.

Um sem número de bandas e cantores de rock apareceram em Brasília nas últimas décadas. Todos deixaram a sua marca na história dos 50 anos de Brasília. Seguramente nenhuma outra capital do País vai deixar um legado tão grande para o rock nacional quanto Brasília. Não se sabe bem o porquê de tantos talentos musicais no mesmo espaço e tempo. Alguns dizem que é a energia do local. Outros dizem que é a influência do grande número de embaixadas e consulados. Outros ainda responsabilizam as superquadras. A verdade é que nas noites e madrugadas frias do outono, quem prestar atenção ao vento, vai ver que ele tem um zumbido diferente.

Parece rock.

50 anos de Brasília. Venha comemorar com a gente em uma grande festa no dia 21 de abril.



BRASILIA  
HEMOCENTRO  
DOE SANGUE

 **GDF**  
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL